

aos interesses políticos e econômicos, locais ou globais. Assim, não se deixam levar por modismos como a maioria das outras categorias de valores. Eles foram inscritos nas tradições míticas, religiosas e morais das diversas etnias humanas e estão gravados na memória da humanidade por experiências vividas por muitos de nossos ancestrais. Esses princípios são ou estão como potência em nossa memória ancestral e podem ser vivificados por qualquer ser humano que assim desejar. O valor ajuda o ser humano a analisar possibilidades; a escolher, a decidir o que e como fazer, tanto perante as coisas triviais do dia a dia, quanto no que se refere ao seu posicionamento no mundo.

Os valores adotados com ou sem consciência pelo indivíduo influenciam na construção de sua personalidade e nos seus posicionamentos filosóficos, socioculturais, religiosos e políticos. O processo de valorização é dinâmico, multifacetado e multirelacional, não ocorre de forma linear e isolada. Acontece nas interações e nas tramas das teias das relações do indivíduo com o outro com a coletividade, com a cultura, com a natureza e com as instituições sociais. Os valores assumem a função de norteadores, se constituem como diretrizes da vida do ser humano. Por isso, esse chamado para refletirmos sobre os valores em nosso cotidiano.

Referência

DUROZOI, G & ROUSSEL, A. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Papirus, 1993.

KUHN. Os valores. In. GADAMER-VOGLER. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: EDUSP, 1977.

SCHELER, Max. *A posição do homem no cosmo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.



Daniilo Victor

O fogaréu nas ruas de Araci

Jéssica Mello de Oliveira e Pedro Juarez Pinheiro
Professores em Araci

O Fogaréu é uma tradição que acontece em Araci-Ba durante a noite de quinta-feira da Semana Santa. Os fieis da Igreja Católica esperam com ansiedade a chegada desse dia considerado santo. Segundo moradores antigos da Cidade foi Antônio de Oliveira Mota que trouxe, em 1960, esse costume de Serrinha para Araci.

Tanto em Araci como em Serrinha o Fogaréu é um ritual que não está registrado no Calendário Litúrgico da Igreja, ou seja, sua execução não é obrigatória. Entretanto, os fieis de tais localidades, consideram importante o cumprimento desse costume.

Antes em Araci só os homens participavam do Fogaréu. A caminhada acontecia altas horas da noite e o percurso era diferente, ou seja, mais curto. Depois de subir o morro através da Rua Barão Jeremoabo, os homens desciam e a caminhada terminava em frente à Igreja Matriz. Contudo, ao longo do tempo, essa prática foi modificada por padres recém-chegados na cidade.

Quando os seguidores passam pela Rua Barão de Jeremoabo encontram o cemitério dos "anjinhos" que possui 156 anos. Apesar do tempo a estrutura

do cemitério está conservada. Ele fica arrodado por casas de moradores humildes que durante a procissão acompanham com os olhares curiosos a passagem dos católicos.

Nos tempos de hoje tal costume inicia-se com a Missa de Lava Pés dentro da Igreja Matriz, em seguida prosseguem pela rua principal da cidade de Araci. A primeira parada é em frente à capela Nossa Senhora das Graças, onde as pastorais e os movimentos da Igreja ficam em adoração durante a noite. Os demais participantes continuam a peregrinar refazendo o mesmo percurso, depois sobem o morro do Bonfim pela Rua Barão de Jeremoabo em direção à capela. Da capela, por causa da altura do morro, pode-se avistar várias casas, e outras partes da cidade de Araci. Por isso, o lugar tornou-se ponto turístico. Na finalização do Fogaréu, mulheres, homens e crianças permanecem reunidos nesse morro para receber a benção final do Padre.

Segundo o discurso dos católicos, essa tradição representa a crucificação de Jesus Cristo narrada pela Bíblia, ou seja, é a encenação do mo-

mento em que ele afasta-se dos discípulos para rezar no Getsêmani, jardim localizado no Monte das Oliveiras. Portanto, todo o Fogaréu Faz uma reflexão sobre os acontecimentos que ocasionaram a crucificação. Bem como os devotos cantam músicas melancólicas. Nas letras eles são colocados na condição de pecadores que suplicam o perdão divino.

Os fiéis sobem o morro do Bonfim carregando tochas que são velas inseridas num copo de papel. Nesse papel, geralmente vem impressa a figura de Jesus crucificado ou do rosto dele ensanguentado. Logo, a multidão torna-se iluminada por causa dessas tochas, as velas clareiam o caminho chamando a atenção de pessoas que não fazem parte da religião católica.

Esses simpatizantes são fotógrafos, pesquisadores e moradores das ruas por onde passa o Fogaréu. Muitas pessoas tiram fotografias para registrar a beleza do acontecimento.

Felizmente, costumes como o Fogaréu ainda resistem em cidades interioranas, ao esfacelamento cultural provocado pela globalização. O estudioso de culturas Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 21) afirma que "a globalização [...] produz diferentes resultados em termos de identidade[...] De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais [...]" Para tal, mesmo com efeitos provocados pela globalização, o costume

permanece vivo e continua a acontecer nas ruas da cidade de Araci e a cada ano ganha mais adeptos.

Por fim, o Fogaréu é uma tradição bonita de se ver, faz parte da cultura do povo araciense que valoriza e mantém essa prática religiosa. Tradições como essa se sucedem com maior frequência em cidades interiores, pois nas capitais as festas pagãs possuem maior destaque do que os festejos religiosos.

Referência

SILVA, Tomas Tadeu da. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.



Anderson Moreira

sobre o vazio que incide sobre a cultura e se manifesta na forma de vários problemas psicoemocionais a contrapelo das fartas possibilidades cognitivas oferecidas pela rede midiática. Pensemos na rede social Facebook. Nesta página, pode-se verificar um apelo informacional efetivo e afetivo, que traduz, por um lado, uma pluralidade de vozes e o fortalecimento da lógica de grupos; e, noutro ângulo, a rede de contatos ingressa no circuito da onda consu-

mista, agenciando amizades e oportunidades profissionais. Mas, diante desse ímpeto interativo, como emerge o vazio?

Numa síntese apertada, o vazio parece se manifestar quando o sujeito, já fragilizado, tenta ampliar seu espectro de visibilidade e consumo, visando conectar-se a tudo e a todos, lembrando o brocardo (ditado)

Vazios: conexões e desconexões

Eledison Sampaio
Mestre em Desenho e Cultura pela UEFS

Somos arrematados e integrados por uma cultura informacional com teias rizomáticas. Vemos, por todo o espaço, transportados para o gozo e o riso. Olhamo-nos, frente ao campo da tela, tentando escapar do vazio.

O *modus operandi* contemporâneo, que aglutina o excesso informacional e o vazio existencial, já fora acusado por pesquisadores, dentre eles Gilles Lipovetsky. Não obstante, continua viva a preocupação